

“Cotas Raciais: caminhos abertos entre o “facão” e o “bisturi”.

Vera Rodrigues

verare.rodrigues@gmail.com

Diretora de Áreas Acadêmicas da ABPN-Associação Brasileira de Pesquisadoras(es) Negras(os)
Professora Na Unilab-Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.

Resumo: Era início dos anos 2000 e os debates e embates sobre a adoção de ações afirmativas, especialmente via reserva de vagas para a população negras, as chamadas cotas raciais, tensionavam o cenário acadêmico. Embora não fosse difícil entender e mesmo concordar com o entendimento de ações afirmativas como: (...) políticas focais que alocam recursos em benefício de pessoas pertencentes a grupos discriminados e vitimados pela exclusão socioeconômica no passado ou no presente.

Trata-se de medidas que têm como objetivo combater discriminações étnicas, raciais, religiosas, de gênero, de classe ou de casta, aumentando a participação de minorias no processo político, no acesso à educação, saúde, emprego, bens materiais, redes de proteção social e/ou no reconhecimento cultural”, (O QUE..., 2022, grifos do autor).

Isso não era suficiente para que ao evidenciar o mecanismo de cotas raciais dentro das ações afirmativas, houvesse uma reação contrária via pseudoargumentos, tais como o de que as cotas raciais comprometeriam a qualidade do ensino e pesquisa no país, advindo do ingresso de universitários(as) fora de um padrão mínimo de capacidade intelectual e trajetória meritocrática capazes de garantir a excelência da produção de conhecimento científico. Esse pseudoargumento é o que possivelmente motivou o comentário que ouvi naquela época de uma iminente antropóloga acerca do meu futuro acadêmico: “você é muito bem-vinda ao programa de pós-graduação na minha universidade, desde que não seja pela porta dos fundos.” Para a universitária negra que eu era e atuante na luta antirracista, a “porta dos fundos” não significava outra coisa senão o ingresso por cotas raciais. Esse comentário faz parte da memória e trajetória acadêmica que pavimentou meu caminho de estudante à professora durante o processo de discussão e implementação das cotas raciais no Brasil. No período compreendido entre 2000-2012, vou nomeá-lo como o caminho aberto “à facão” em prol das cotas raciais e, a partir de 2012 até o momento presente, 2022, vou nomeá-lo como o momento do “bisturi”. Em recente entrevista concedida a um grupo de jovens estudantes de antropologia, eu situei minha trajetória na antropologia, a partir desta metáfora entre o facão e o bisturi, a qual reproduzo aqui a fim de explicar como também enquadro nessa leitura a questão das cotas raciais durante as últimas duas décadas.

Palavras-chave: cotas raciais; política pública; Brasil.